

**X Encontro de Pós-graduação  
em História Econômica**

**Virtual**

**8ª Conferência Internacional  
de História Econômica**

**9, 10, 11 e 12 de novembro**

**2020**

**Crise e território: sob a abordagem de Milton  
Santos**

Luiza Helena Mendes de Souza

Perla Daniele Costa Carrero

Luiz Eduardo Simões de Souza

# **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

## **Crise e território: sob a abordagem de Milton Santos**

SOUZA, Luiza Helena Mendes de<sup>1</sup>. CARRERO, Perla Daniele Costa<sup>2</sup>.

Orientador: SOUZA, Luiz Eduardo Simões de<sup>3</sup>.

### **RESUMO**

A interação dos conceitos de crise e território no pensamento econômico foram de grande importância para a consolidação da Economia Política. Por crise entende-se que se tem um desequilíbrio na estrutura econômica que se traduzirá em recessões e depressões econômicas. E o território usado, proposto por Milton Santos, se caracteriza pelo meio físico e relações sociais, econômicas e políticas que nele ocorrem. A territorialidade então será a apropriação do território no sentido de que haja um domínio efetivo ou no sentido de que se tenha uma relação afetiva e de pertencimento para com ele.

**Palavras-chave:** crise econômica, território, espaço, territorialidade, Milton Santos.

### **ABSTRACT**

The interaction between the concepts of crisis and territory in the economic thought were of great importance to the consolidation of Political Economy. Crisis means that there is an imbalance in the economic structure that will cause an economic recession and depression. And the “used territory”, proposed by Milton Santos, is characterized by the physical environment and the social, economic and political relations that occur in it. Territoriality will then be the appropriation of territory in the sense that there is an effective domain or in the sense that there is an affectionate and belonging relationship with it.

**Keywords:** economic crisis, territory, space, territoriality, Milton Santos.

## **1. Introdução: as crises econômicas no território**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e membro do Grupo de Estudos em Economia Política e História Econômica (GEEPHE).

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Econômicas pela UFMA e membro do GEEPHE.

<sup>3</sup> Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, professor da UFMA e coordenador do GEEPHE.

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

A temática acerca do espaço e mais precisamente o conceito de território se fez presente dentro das discussões da academia, abordados por diversos autores e especificamente no campo da geografia, iremos analisar esse conceito a partir do Milton Santos.

O conceito de território está presente em múltiplas dimensões e sentidos, a lógica de “espaços” e em um sentido mais abrangente território é uma ideia central, norteadora das ações engendradas pelo pensamento econômico. Deve-se levar em consideração dois aspectos relevantes; o primeiro seria aos múltiplos significados que o termo território e espaço podem trazer. Visto que essa definição de conceito tem sido utilizada e desenvolvida em diversos campos do conhecimento como a história, a geografia, a sociologia e a economia; o que dificulta uniformidade nas definições. Sendo palco de pesquisas de diversos cientistas sociais, alguns autores que se destacam nesse diálogo, como o próprio Milton Santos, Deluzer e Guattari que concordam que o território com relação aos movimentos que o constitui e aos que se desfazem, sempre são postos em jogos de força.

O entendimento por espaço como determinante social faz com que o autor trate esse assunto sempre como centro do debate. Com isso, nos deixa admitir em termos epistemológicos as evoluções de Milton Santos considerando o conceito de espaço, tendo o seu começo já no trabalho de geógrafo, especialmente porque nessa época a ideia de espaço predominantemente na geografia ainda o entendia como palco das ações humanas e não como determinantes das ações humanas.

Em seu trabalho, Santos aborda temáticas como tempo, discussões que sempre foram negligenciadas dentro do estudo geográfico, o autor considera o espaço suscetível a uma datação através da observação e objetos presentes nos subespaços de forma que todos os lugares são portadores de uma idade, ou seja, portadores de um tempo; podemos dizer que o tempo é empiricizado a partir dos objetos geográficos, desse modo Milton trás a relevância do tempo dentro do trabalho geográfico, assim como o espaço, o tempo passa a ser objeto de análise, o autor afirma que a sua definição, “leva em conta duas noções: a da multiplicidade de tempos e a das rugosidades do espaço, sendo este a expressão atual de uma acumulação de tempos reais” (SANTOS, 1978, p.64).

Toda atividade econômica tem precisão de pontos e áreas a qual sua base territorial possa existir, podemos destacar, por exemplo, os dados da produção, da circulação e do próprio consumo. A devida divisão do trabalho trará uma manifestação geográfica.

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

Analisando isto, o território aparecerá sendo uma singularidade recortada e formada pelas respectivas topologias.

“Podemos também considerar a existência de divisões do trabalho seguindo lógicas escalares diversas, desde a local até a global, passando pela nacional. Simplificando, dir-se-á que certas atividades, ou empresas, ocupam o território a partir de lógicas globais, outras operam segundo lógicas que não ultrapassam as fronteiras nacionais, mas incluem vastas áreas do território, enquanto ainda outras, como as atividades do circuito inferior da economia, são limitadas a áreas menores, frequentemente intraurbanas.” (SANTOS, 2001b, p. 35)

Sendo dispensável análises quem tratem de divisões particulares do trabalho ou divisões territoriais do trabalho particular. O que deve ser ressaltado e considerado é a totalidade do evento como um trabalho em “conjunto” formando Custers, a qual delimitam as conexões entre divisões do trabalho concorrente e complementar, tendenciando o movimento de funcionamento e de desenvolvimento, surgindo como complementares.

Vistas num dado momento de seu funcionamento e de sua evolução, elas aparecem como complementares; olhadas na sua dinâmica, são concorrentes. Na realidade, o que se verifica é uma dialética entre divisões do trabalho (sejam elas vistas do ponto de vista escalar ou de um ponto de vista das empresas) que disputam o território. Quando tomamos este como uma totalidade, chegamos à conclusão de que os circuitos de cooperação são também circuitos de competição, o que conduz à questão explicativa maior de saber quem, em determinadas circunstâncias, regula quem.

### **2. As crises econômicas em Milton Santos**

Para Milton Santos, o período atual, é ao mesmo tempo um período e uma crise, ou seja, este momento da história se caracteriza pela superposição entre crise e período, trazendo características de ambas situações. Como tempo ele apresenta um sistema coerente e paradoxal de simultaneidades e sucessões; como crise gera evidências diferentes diante das racionalidades propostas pelo sistema, com contra racionalidades dispersas por todo planeta. Uma dessas racionalidades, o contexto da globalização, pode ser dividida em ciclos pedaços de movimento classificados por certa correlação através de suas variantes significativas, que se desenvolvem desigualmente, mas sempre dentro de um sistema. Um ciclo procede a outro, no entanto, não podemos esquecer que os ciclos são antecidos e sucedidos por crises, ou seja, circunstâncias em que a estrutura estabelecida através de variáveis, por meio de um sistema que é comprometido, fica

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

improvável harmonizá-las quando uma dessas variáveis gera relevância maior e cria um princípio de desordem.

Esse sempre foi o desenvolvimento global de toda trajetória do capitalismo, até recentemente. O ciclo presente resiste a essa característica porque ele é, ao mesmo tempo, um período e uma crise, isto é, hoje a fração da historicidade do tempo consiste em uma verdadeira superposição entre período e crise, explicitando particularidade de ambas essas situações. O período que prevalece assim como a crise se apresentam como algo novo, como período os seus aspectos específicos instalam-se em toda a parte e tudo é influenciado, direta ou indiretamente. Por esse motivo a denominação de globalização. Quanto a crise, as mesmas variáveis construtoras do sistema permanecem sempre chocando-se e reivindicando novas definições, novos ordens e novos termos. Trata-se, entretanto de uma crise insistente dentro de um período com características duradouras, mesmo quando surgem novos limites.

Este período e esta crise possuem suas diferenças comparando com as do passado, porque os dados aspectos e os respectivos suportes, os quais designam condições de transformação não se introduzem sucessivamente como antes, nem muito menos são o privilégio de poucos continentes e países, como no passado. Tais causas acontecem simultaneamente e se constituem com grande força em toda parte.

Portanto, nessa época histórica, a crise é estrutural. Logo, quando se buscam soluções e resultados a consequência é sempre a criação de mais crise. O que é tido como solução favorece exclusivamente aos interesses dos protagonistas dominantes que ao deter o papel regulador das finanças, formam o contexto contemporâneo do capitalismo globalizado que tem como pilares o dinheiro e a informação.

Por isso vem o papel dominador da estrutura do sistema financeiro e a flexibilidade do procedimento dos protagonistas dominantes que atuam sem contrapartida, aprofundando a circunstância, ou seja, a crise. A combinação através do poder tanto do dinheiro quanto da informação depõe desse modo, o aceleração dos sistemas hegemônicos, fundamentados pelo "pensamento único", ao passo que os demais sistemas acabam por estar consumidos de outro modo que se adéquam passivamente ou ativamente, transformando-se em hegemônicos. Em outras palavras, os sistemas não hegemônicos inclinam-se ou fragmentam-se, ou permanecem, mas de modo subordinado, menos em alguns seguimentos da vida social e em certos lotes de território em que podem

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

continuar parcialmente autônomos, quer dizer, capazes de uma reprodução própria. Mas determinado momento é constantemente precária, seja porque as conclusões localmente auferidas são menores, seja porque os respectivos agentes são incessantemente ameaçados pelas disputas dos negócios mais poderosos.

“No período histórico atual, o estrutural (dito dinâmico) é, também, crítico. Isso se deve, entre outras razões, ao fato de que a era presente se caracteriza pelo uso extremado de técnicas e de normas. O uso extremado das técnicas e a proeminência do pensamento técnico conduzem à necessidade obsessiva de normas. Essa plethora normativa é indispensável à eficácia da ação. Como, porém, as atividades hegemônicas tendem a uma centralização, consecutiva à concentração da economia, aumenta a flexibilidade dos comportamentos, acarretando um mal-estar no corpo social.” (SANTOS, 1999).

A essas coisas complementa o fato das virtudes e a associação por meio das técnicas normativas e a normalização técnica e política da ação compatível, até mesmo a política, passa a fixar-se em todos os intervalos da sociedade, podendo ser como deficiência, necessidade servindo assim para o funcionamento dos interesses e ações dominantes, mesmo que seja como respostas a essas mesmas ações. Não se trata particularmente de política, mas sim de uma aglutinação de normalizações particularistas, conduzidas por protagonistas exclusivos que menosprezam o interesse social ou os reprimem de forma residual. Análoga ao argumento em que a momento padrão é de crise, mesmo que as bem conceituadas medidas e estabilidade macroeconômica se instalem.

Com esse sistema ideológico faz com que acreditemos no processo de globalização é o único caminho histórico a ser seguido e o resultado é que ficamos presos nisso. Impondo uma certa visão de crise, que para resolver, deve se aceitar os medicamento recomendados e somando-se a isso todas as pessoas, países e lugares fazem com que se comportem, através de uma ação única acreditando que tal solução faça com que “crise” desapareça e essa fórmula que é usada frequentemente se encaixe para todos. Contudo a única crise que se deve afastar é a financeira e essa seria o verdadeiro aprofundamento da crise tal como ela é; social, política, econômica e moral que assombra os nossos tempos.

### **3. O território segundo Milton Santos**

O território abrange as características físicas de um campo qualquer, juntamente com as marcas produzidas pelo homem ou melhor, ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou, em outras

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e política (Santos; Ribeira; Gonçalves, 2002, p. 87).

Existe uma indissociabilidade estrutural, funcional e processual entre a sociedade e o espaço geográfico<sup>4</sup>; o território, tido como conjunto dinâmico, transita do político para o cultural, das fronteiras entre os povos aos limites do corpo e ao afeto entre as pessoas. Isso aponta para novas propostas teórico metodológicas, cujas bases estão na perspectiva da operacionalização do conceito “território usado”, de Santos e Silveira (2001) que diz respeito a todo fragmento do território, fundamento a dependência e a indissociabilidade através de seu materialismo e o seu uso. Portanto, o território é tanto a conclusão do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanos.

Enquanto o território usado é o espaço conferido da dimensão política, afetiva ou de ambas; é o espaço dominado e onde será exercido poder, seja ele público ou privado; a territorialidade<sup>4</sup> será um conjunto de ações para garantir a apropriação do meio no sentido de propor um domínio efetivo ou uma dimensão afetiva que passa pela ideia de identidade e pertencimento ao território. Apresentando elementos fixos que são produtos da dinâmica social na apropriação, ocupação e produção dele.

O território é o meio no qual o capitalismo se mundializa através da apropriação, do detrimento dos recursos controlados pelo Estado e supervalorização dos recursos destinados às grandes empresas.

Portanto, o território usado, é o que precisa ser considerado; sendo acionado por dois mecanismos a tecnoesfera que é a quantidade de técnica, ciência e informação agregada ao território como complementar as infraestruturas, a modelando a serviço da produção, e a psicoesfera, pois é preciso reconfigurar as mentes para que elas acolham o resultado do processo de constituição da tecnoesfera que serve ao modo de produção capitalista. Elas são interdependentes, promovendo o uso do território para atender esta dinâmica.

“Em consequência, aparecem mudanças importantes, de um lado, na composição técnica do território pelos aportes maciços de investimentos em infra-estruturas, e, de outro lado, na composição orgânica do território, graças à cibernética, às novas tecnologias, às novas químicas, à informática e à eletrônica. Isso se dá de forma paralela à cientificação do trabalho. Este se torna cada vez mais trabalho científico e sua presença se dá em paralelo a uma

---

<sup>4</sup> Na concepção de Santos *et al* (2000), as expressões território usado e espaço geográfico são correlatas, podendo serem vistos como recurso e como abrigo.

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

informatização também crescente do território. Pode-se dizer, mesmo, que o território se informatiza mais, e mais depressa, que a economia ou que a sociedade.” (Santos, 1993, p. 37)

### **4. Entrecruzamentos dos conceitos de crise e território em Milton Santos**

O espaço se globaliza ao se adaptar à era do tempo em questão e o faz a partir da modelação do território para atender as demandas do capital na produção e trocas de alto nível para se inserir no mercado mundial, o universalizando. Tal universalização é feita a partir do meio técnico-científico-informacional que pode ser analisado em dois pares de conceitos, segundo Milton Santos: horizontalidades e verticalidades e tecnoesfera e psicoesfera.

Horizontalidades e verticalidades são recortes espaciais; a horizontalidade é “..., a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada” e a verticalidade “dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla...”, segundo Santos (1996, p. 192). É notável que a movimentação vertical terá mais força, visto que corresponde à atuação de grupos internacionais (corporações, por exemplo) em detrimento da atuação horizontal que corresponde a grupos locais e regionais, pois a movimentação vertical é desagregadora, excludente, fragmentadora e sequestra a autonomia dos outros atores.

Por tecnoesfera entende-se que são técnicas agindo sobre o meio para transformá-los, atuando como infraestruturas para expandir a produção e o mercado. A psicoesfera, que comanda a tecnoesfera, é o ajuste da sociedade para atender as demandas do capital; podendo ser visto, por exemplo, no marketing que estimula o consumo e que tem como palco o lugar que é o espaço da conexão de interesses. Resumidamente, a tecnoesfera seria a estrutura e a psicoesfera seria as ações que conjuntamente definem o mundo.

O meio técnico-científico-informacional é percebido a partir dos atores hegemônicos que ao deterem a técnica se inserem no território criando a tecnoesfera e a psicoesfera, como aponta Milton em:

“Os espaços assim reclassificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos, da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente as novas correntes mundiais. O meio técnico científico-informacional é a cara geográfica da globalização.” (SANTOS, 1996, p. 160).



## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

Portanto, esta reorganização do espaço geográfico globalizado se caracteriza com a fluidez e a fixidez, conforme Santos (1996):

[...] O fato de que as transformações se dão ao mesmo tempo, nas vias e nos meios de transporte e comunicação, na estrutura produtiva, nos hábitos de consumo, na forma de intercâmbio, nas relações de trabalho, na monetarização, nas formas de controle etc., tem efeitos cumulativos e acelerados sobre todos os aspectos de mudanças, ao mesmo ponto que os desequilíbrios instalados são mais profundos. Mesmo se as novas relações apenas alcançam parcelas reduzidas da economia e do território e incidem de forma incompleta sobre a sociedade, tem já bastante força para induzir transformações fundamentais ao conjunto. (SANTOS, 1996, p. 168).

A fluidez é alcançada com a produção de capital fixo, ou seja, rigidez; logo, nota-se que os fluxos dependem dos fixos e vice-versa.

Este meio técnico-científico-informacional então, para Milton, seria capaz de explicar o impacto da globalização no território que a partir do desenvolvimento da ciência, da informação e da tecnologia e a inserção dos mesmos na produção e vida social serviriam como base para o novo estágio do desenvolvimento capitalista mundializado que permite a integração do território e conseqüentemente “os fatores de produção, o trabalho, os produtos, as mercadorias, o capital, passem a ter grande mobilidade.” (Santos, 1993, p. 39).

A divisão territorial do trabalho se aprofunda e com isto, os fluxos se intesificam. Com os fluxos intesificados, há um maior aprofundamento da divisão territorial do trabalho, que, por consequência, gera mais especialização do território; pode-se notar, então, o surgimento de um ciclo vicioso.

Segundo Santos *et al* (2000, p. 12-13), “para os atores hegemônicos o território usado é um recurso, garantia de realização de seus interesses particulares” e para os “atores hegemonzados” condiz a um abrigo em que busca a “se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo em que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares”.

É bom nos determos no debate em torno do processo de globalização sendo esse debate posto a cerca de três décadas, até essa crise financeira mundial contemporânea a qual se começa a visualizar um processo mais vigente do conservadorismo e neoliberalismo. A própria pratica do neoliberalismo acarreta mudanças significativas no uso do território, fazendo com que sua utilização se torne mais seletiva e restrita com que populações pobres mais isoladas, mais dispersas e

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

distantes das cidades centro e também dos grandes centros produtivos, acabam sendo hostilizadas e sofrendo as principais consequências por conta da seletividade mais extensa que o neoliberalismo encaminha na distribuição geográfica de bens e de serviços levados pelas dominações da competitividade buscando mesmo com seu próprio enfraquecimento, localizações mais favoráveis; todavia encontramos um adiantamento ainda mais preciso dos elementos capazes de desencadear a crise:

“Nas condições atuais de economia internacional, o financeiro ganha uma espécie de autonomia. Por isso, a relação entre a finança e a produção, entre o que agora se chama economia real e o mundo da finança, dá lugar àquilo que Marx chamava de loucura especulativa, fundada no papel do dinheiro em estado puro. Este se torna o centro do mundo. É o dinheiro como, simplesmente, dinheiro, recriando seu fetichismo pela ideologia. O sistema financeiro descobre fórmulas imaginosas, inventa sempre novos instrumentos, multiplica o que chama de derivativos, que são formas sempre renovadas de oferta dessa mercadoria aos especuladores. O resultado é que a especulação exponencial assim redefinida vai se tornar algo indispensável, intrínseco, ao sistema, graças aos processos técnicos da nossa época. É o tempo real que vai permitir a rapidez das operações e a volatilidade dos assets. E a finança move a economia e a deforma, levando seus tentáculos a todos os aspectos da vida. Por isso, é lícito falar de tirania do dinheiro (SANTOS, 2001a, p. 44).”

“A tendência à concentração econômica agrava essa tendência. Desse modo a acumulação, em certos pontos, das respectivas atividades pode conduzir a maiores dificuldades quanto ao acesso aos respectivos produtos, sejam eles bens ou serviços. Que pensar, por exemplo, de uma educação privatizada, em que o efeito de escala leva a uma utilização melhor tanto das infra- estruturas educacionais como da mão- de- obra docente? A mesma indagação pode ser feita quanto à pro-dução da saúde. Pensemos também numa atividade dos correios estritamente baseada na necessidade de lucro competitivo” (SANTOS, 2001b, p. 45)

### **5. Conclusões**

No contexto da globalização, o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista, os períodos são antecidos e sucedidos por crises, ou seja, a estrutura que foi estabelecida por meio de um sistema, é comprometida. O período atual se diferencia, pois ele é, ao mesmo tempo, um período e uma crise, isto é, hoje a fração da historicidade do tempo consiste em uma verdadeira superposição entre período e crise, explicitando particularidade de ambas essas situações. Como período, as variáveis que constroem o sistema se difundem e influenciam tudo, direta ou indiretamente. E paralelamente, como crise, estas variáveis não estão em harmonia, demandando novas definições e novos arranjos.

O desenvolvimento da crise é constante e permanente, o que dispomos são de crises sucessivas e que trata-se de uma crise global, a qual se destaca por meio de

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

fenômenos globais com eclosões particulares, em diferentes países e momentos, porém provocam um original momento da crise. Nada é duradouro.

O papel dominador da estrutura do sistema financeiro e a flexibilidade do procedimento dos protagonistas dominantes que atuam sem contrapartida, aprofundando a crise. A combinação através do poder tanto do dinheiro quanto da informação depõe desse modo, à aceleração dos sistemas hegemônicos, fundamentados pelo "pensamento único", ao passo que os demais sistemas acabam por estar consumidos de outro modo que se adequa passivamente ou ativamente, transformando-se hegemônicos. Em outras palavras, os sistemas não hegemônicos inclinam-se ou acabam fisicamente, ou permanecem, mas de modo subordinado, menos em alguns seguimentos da vida social e em certos lotes de território em que podem continuar parcialmente autônomos, que dizer, capazes para uma reprodução própria.

### **REFERÊNCIAS:**

SOUZA, M. A. A. DE. *Territorio usado, rugosidades e patrimonio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal*. PatryTer, v. 2, n. 4, 1 out. 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 6. ed. São Paulo: Edusp, (coleção Milton Santos; 1), 2006.

SANTOS, Milton. *A normalidade da crise*. Folha de São Paulo, editorial: 26 de setembro de 1999.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucited, 1993.

SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton. RIBEIRO, Wagner Costa; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo. Publifolha, 2002.

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência  
Internacional de História Econômica**

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Edusp, 1994.

SANTOS, Milton. *Uma Ordem Espacial: A Economia Política do Território*. GeoINova. Revista do Departamento de Geografia e Planejamento Regional. N° 3 – 2001b. Disponível em: . Acesso em 10 de março de 2020.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Gerardo. *O Meio Técnico-Científico Informacional e os novos territórios metropolitanos*. Rio de Janeiro, revista Periferia: publicação eletrônica do programa de Pós-Graduação em Educação, cultura e comunicação em Periferias urbanas, v. 1, n. 2. 2009.